

## Contribuições para uma descrição semântica do verbo “*ficar*”: o que os manuais de Português Língua Estrangeira (PLE) não dizem

Ida Rebelo<sup>1</sup>  
Paulo Osório<sup>2</sup>

### Resumo

Ao tentar descrever os usos e significados do verbo *ficar*, constatamos que, embora o sentido locativo expresso pela frase ‘A PUC fica na Gávea’ se encontre constantemente nos manuais de Português Língua Estrangeira, a predicação de sentido locativo está longe de ser a mais usada pelos falantes em geral. Este facto parece levar o falante de outras línguas maternas, aprendendo Português como Segunda Língua ou Língua Estrangeira (PL2/E), a tomar, equivocadamente, a estrutura de sentido locativo como modelo para sistematizar construções do mesmo verbo com diferentes significados. As descrições da língua partem, algumas vezes, de hipóteses intuitivas e da leitura de gramáticas e manuais. Ao confrontar essas hipóteses com resultados de busca e análise de frequência em *corpora*, podem revelar-se aspectos inicialmente encobertos. Apresentamos, aqui, a partir de um enfoque semântico-funcional, uma proposta de classificação dos significados mais frequentes das predicções com o verbo *ficar*, a fim de criar um quadro de referência para contestar os usos que são, normalmente, encontrados nos manuais e gramáticas de PLE. Pretendemos mostrar quais os significados mais frequentes em uso e em que contextos eles ocorrem.

### Breves considerações introdutórias: significado e gramática

Numa análise de carácter semântico, não se podem deixar de mencionar, ainda que de forma breve, algumas linhas de pensamento que se ocupam do significado das palavras. As reflexões sobre o significado das palavras têm permeado as obras de inúmeros estudiosos desde a controvérsia grega entre convencionalistas e naturalistas até aos nossos dias, com as diferentes correntes teóricas que tentam dar conta da estruturação da linguagem. Essas discussões deram origem, ao longo do tempo, a uma disciplina de implicações tão abrangentes como é a Semântica. Na língua, para que a comunicação seja bem sucedida, as variações de significado de que se revestem os elementos em uso devem acontecer dentro do limite da recepção do alocutário e o sucesso do processo de comunicação pode ser comprovado pela efectiva compreensão do enunciado por parte do mesmo. Essa compreensão pode ser verificada, como já apontavam os estudos de natureza behaviorista, por uma reacção de facto ou por uma resposta verbal. Uma reacção de facto, ou uma resposta verbal adequadas, indicam que a atribuição de significado criada pelo locutor manteve-se dentro dos limites permitidos pela língua.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística Portuguesa - Universidade da Beira Interior – Portugal.

Podemos considerar que a compreensão está ligada ao significado, seja ele do texto na sua íntegra, da frase ou de uma palavra ou expressão. Ao comentar o modelo de gramática direccionado para o uso, Neves (1997a), visando “integrar a organização gramatical em uma teoria global da interacção”, diz o seguinte:

O que está implicado nesse modelo é uma integração de sintaxe e semântica, dentro de uma teoria pragmática, o que envolve intervenção:

- dos papéis envolvidos nos estados-de-coisas designados pelas predicções (funções semânticas);
  - da perspectiva seleccionada para apresentação dos estados-de-coisas na expressão linguística (funções sintácticas);
  - do estatuto informacional dos constituintes dentro do contexto comunicativo em que eles ocorrem (funções pragmáticas).
- (NEVES, 1997a, p.16).

A reflexão sobre o significado, tal como é encarada neste estudo, leva-nos a um comentário de Searle (1981), em função de determinadas afirmações de Grice sobre as condições de sucesso de um enunciado. Searle alerta para o facto de que:

Significação é mais do que uma questão de intenção e, pelo menos algumas vezes, é, também, uma questão de convenção. (SEARLE, 1981, p.62)

Mais recentemente, Harder (1997) define significado como dependente de convenções linguísticas:

In previous attempts to define linguistic meaning in interactive terms, I have borrowed the terminology of constitutive rules: meaning is what uttering the expression “counts as” by virtue of linguistic conventions. (HARDER, 1997, p.102)

Ambas as citações levam-nos a considerar a importância de um ensino de PLE que leve em conta os usos convencionais das expressões da língua, pois, como afirma Harder:

A functionalist account of language is based on the assumption that languages are systematically responsive to feedback from the human environment. (HARDER, 1997, p.103)

Por outro lado, ao optarmos por um enquadramento funcionalista, não basta proceder a uma análise dos componentes das predicções mas, para além disso, é indispensável considerar o que significam esses componentes, dispostos de uma determinada maneira, envolvidos por determinado contexto linguístico e usados por determinado grupo de falantes. Discorrendo sobre os princípios que regem a análise semântica e sobre o facto da língua ser composta por factos institucionais e não por factos brutos, Searle lembra que os factos institucionais só podem ser explicados em termos das regras constitutivas que lhes são subjacentes:

As regras explicam as regularidades, exactamente do mesmo modo que as regras de futebol explicam as regularidades num jogo de futebol e sem as regras parece não haver explicação para as regularidades. (SEARLE, 1981, p.72)

Somente com a descrição das regras é possível chegar-se a uma metodologia de ensino de PLE acessível aos estudantes estrangeiros. Esses estudantes não detêm o conhecimento empírico das regras por não terem crescido ou vivido por longos períodos no meio linguístico correspondente à língua que almejam dominar. Óscar Lopes (1972) prevê essa necessidade ao afirmar que "o fazer" - conhecimento empírico - "precede o saber" - regras normativas (LOPES, 1972, p.91). Expressa, deste modo, o carácter dialéctico levantado por Searle entre gramática descritiva e gramática de uso.

## 1 Usos do verbo *ficar* – algumas considerações

Antes de formalizar a classificação dos predicados do verbo *ficar*, procedeu-se a uma busca em diferentes tipos de texto encontrados em diferentes suportes: digitais e impressos. O *corpus* de análise constituiu-se de predicções levantadas em diversos tipos de texto: jornais impressos e on-line, publicidades, textos de divulgação em páginas da web, mensagens de correio electrónico e letras de músicas.

A classificação por significados baseia-se em dois critérios: I – critério semântico que explora a oposição entre o carácter estativo e o resultativo e o II – critério funcional-pragmático que se baseia numa divisão por tipos de predicador, conforme a classificação estabelecida por Peres e adaptada por Meyer. São eles: básico, experiencial, possessivo e locativo. No quadro 01 apresentamos, de forma esquemática, a maneira como os dois critérios se inter-relacionam formalizando a classificação proposta, neste estudo, para os significados do verbo *ficar*:

**Quadro 01: Classificação dos Moldes de Predicado**

A – I	Estativos:				
	Básico	<i>manter-se</i>	DS (+ condição física)	DS2 (+ interv.tempo)	F1
	Experiencial	<i>manter-se</i>	DS (+ sentimento)	DS2 (+ interv.tempo)	F2
	Locativo	<i>localizar-se</i>	x <sub>2</sub> (+ lugar)		F3
A – II	Posicionais:				
	Básico	<i>manter-se relativamente à</i>	DS (+ modo)		F4
	Básico	<i>Acção repetitiva</i>	DS (+ acção)		F5
	Locativo	<i>manter condição anterior</i>	x <sub>2</sub> (+ lugar)		F6
B – I	Processuais:				
	Básico	<i>ganhar aparência de</i>	DS (+ apreciação)		F7
	Básico	<i>alcançar um valor</i>	DS (+ numeral)		F8
	Básico	<i>classificar-se</i>	DS (+ item ordenado)		F9
	Básico	<i>Restar</i>	DS (+ origem () + fim)		F10
	Básico	<i>resultar em</i>	DS (+ condição física)	DS2 (+causa () tempo)	F11
	Experiencial	<i>passar a sentir-se</i>	DS (+ sentimento)	DS2 (+causa () tempo)	F12
B – II	Accionais:				
	Possessivo	<i>Reter</i>	x <sub>2</sub>		F13
	Experiencial	<i>responsabilizar-se</i>	x <sub>2</sub>		F14

A constituição do molde de predicado obedeceu aos seguintes critérios:

- as classes de palavras em que pode actualizar-se cada argumento da predicação;
- as restrições de selecção para cada argumento;
- as classes de palavras em que pode(m) se actualizar o(s) DS(s);
- as restrições de selecção para cada DS;
- a posição ocupada pelos argumentos em relação ao predicador.

Passamos, seguidamente, a descrever cada uma das categorias em que se encontram distribuídos os constituintes do predicado que formam, juntamente com o verbo *ficar*, unidades distintas de significação.

### 1.1 Representações dos DS em categorias morfo-sintácticas

Um grupo considerável, dentro do leque de significados atribuídos a *ficar*, constrói-se com DS. Além disso, a maioria desses moldes de predicado admite a representação do DS por uma expressão com função adjectiva, ou por uma oração com valor adjectivo ou adverbial. Essas razões levam-nos a descrever, detalhadamente, as possibilidades de ocorrência que caracterizam esse constituinte nos moldes de predicado de *ficar*. Considerados os critérios (i) semântico e (ii) funcional-pragmático utilizados nesta análise, a determinação das categorias morfo-sintácticas tem um papel secundário. O valor semântico de que são portadores os DS's sobrepõe-se ao que possam incluir as categorias morfo-sintácticas atribuídas aos elementos que compõem esses DS's. Tendo em vista o carácter classificatório desta análise entendemos que se torna necessária a descrição minuciosa de todos os elementos que compõem o molde de predicado. Vamos, assim, ocupar-nos, inicialmente, das ocorrências com Adjectivo. De entre os moldes em que *ficar* se faz acompanhar por DS, apenas em F10 não ocorrem expressões com função adjectiva. Todo o resto apresenta a possibilidade de ocorrência de adjectivo, ou de expressão equivalente, na predicação.

## Adjectivo (Adj)

Em português, a função adjectiva pode fazer-se representar, no componente formal, pelos seguintes itens lexicais:

- adjectivos comuns
- adjectivos deverbais
- formas V+do
- locuções prepositivas

Deixando de lado, por agora, as locuções prepositivas, resta-nos um grupo de formas classificadas indistintamente como adjectivos. Dentro deste grupo encontram-se as formas [V+do], que poderiam representar um problema de classificação quando consideradas na análise dos constituintes das predicções de *ficar*. Isto dá-se, em primeiro lugar, por uma certa dificuldade, à primeira vista, de se determinar se, em presença das formas [V+do], o predicador *ficar* não pode ser classificado como verbo auxiliar. Isto é, há necessidade de se eliminar a possibilidade de se tratar de um predicador em que ocorre passivização, pois como determina Peres, só verbos plenos podem ser predicadores de um estado-de-coisas.

Tendo em conta Mateus *et alii* (1989), que consideram uma parte das ocorrências de *ficar* como variante aspectual de *estar*; e considerando que, enquanto variante aspectual de *estar*, *ficar* não ocorre como verbo pleno, as ocorrências com *ficar* + [V+do] não poderiam, portanto, ser analisadas, no âmbito deste estudo. Tornou-se, deste modo, relevante mostrar que as formas [V+do] encontradas entre os constituintes das predicções analisadas não têm função verbal, ou seja, não participam de uma transformação resultante do procedimento de passivização de uma forma verbal transitiva directa. Para este fim, submetemos essas ocorrências à aplicação das 10 propriedades relacionadas por Pimenta-Bueno (1986) para a distinção das circunstâncias textuais e dos ambientes sintácticos em que se realiza uma ou outra função das formas [V+do], ou seja, se em função adjectival ou se em função verbal.

A fim de enquadrar a nossa análise com dados justificáveis pelas hipóteses estabelecidas por Pimenta-Bueno, analisamos cada uma das ocorrências [V+do] encontradas entre os exemplos listados. Tomemos o predicador  $\Phi \Rightarrow Ficar + DS1$ , onde DS1 terá como representação, no componente formal, elementos que ocorrem, indistintamente, como:

- Adjectivos comuns (sozinho, impaciente, etc.);
- Adjectivos deverbais (parado, transitável, etc.);
- Formas [V+do] originadas de Verbos Transitivos Directos que obedecem à tipologia das propriedades levantadas por Pimenta-Bueno.

Antes de expor os resultados da análise das formas [V+do] contidas no *corpus* deste estudo, apresentamos um resumo da classificação estabelecida por Pimenta-Bueno, em que estabelece uma minuciosa descrição das formas [V+do] em português com vista à formulação de critérios para caracterizar classes de palavras, tendo em conta que as formas [V+do] não constituem um grupo uniforme do ponto de vista lexical. Para a autora, as formas [V+do] dividem-se em dois grupos: (a) vocábulos cuja base não é um verbo transitivo directo e que são os adjectivos deverbais comuns, que não têm maiores implicações na distinção que ora pretendemos fazer, pois não participam dos processos de passivização; (b) vocábulos que têm por base os verbos transitivos directos e que actuam, segundo o contexto, ora como verbo, ora como adjectivo, ou com características de ambas as classes, verbos e adjectivos. (PIMENTA-BUENO, 1986, p.207-208). Pimenta-Bueno enumera, ainda, 10 propriedades sintácticas das formas [V+do] que tenham por base um verbo transitivo directo. Para a autora, essas propriedades servem para esclarecer em que contextos sintácticos ocorrem as formas [V+do] e em quais deles essas formas são consideradas, respectivamente, Adjectivo ou Verbo (PIMENTA-BUENO, 1986, p.208-214). Essas propriedades são por nós utilizadas para validar o “rótulo” de adjectivo atribuído às formas [V+do] que participam das ocorrências analisadas neste estudo. Dado o carácter instrumental para o nosso estudo do trabalho de Pimenta-Bueno, não faremos uma exposição exaustiva das propriedades em questão. Mostraremos, apenas, de que forma a consideração dessas propriedades auxilia no esclarecimento das características dos Adjectivos deverbais envolvidos nos predicadores de *ficar*. Cada propriedade apresenta as circunstâncias em que podem ocorrer as formas [V+do] e já a primeira propriedade restringe as consequências da ocorrência de formas [V+do] no nosso *corpus*. Transcrevemos a descrição dessa propriedade, a seguir:

*1a. propriedade: Adjectivo*

Podem ocorrer em posição predicativa em sintagmas verbais.

- a) Em posição de pós-cópula;
- b) Em formas atributivas introduzidas por *como*;
- c) Como complemento da classe restritiva de SV que inclui os verbos *sentir-se, julgar-se, crer-se, achar-se e considerar-se* entre outros;
- d) Como complementos de verbos indicadores de Mudança de estado como *tornar-se e ficar*. (PIMENTA-BUENO, 1986, p. 208)

O item (d) da citação acima, leva-nos a excluir da discussão sobre as formas [V+do] todos os moldes de predicado de *ficar* em que há Mudança de estado. São os moldes listados de F7 a F14, no Quadro 01. Restam-nos, então, os moldes de predicado classificados como de "Não-Mudança". São os moldes listados de F1 a F6. De entre esses moldes, apenas F1, F2 e F4 poderiam levantar a possibilidade de indeterminação da natureza do Adjectivo constante no DS1, uma vez que F3 e F6 são moldes de predicado em que *ficar* não se liga a DS e sim a argumento ( $x_2$ ). O tipo de teste que Pimenta-Bueno propõe é o de se substituir a ocorrência [V+do] que se quer analisar sucessivamente por um outro adjectivo primitivo e por um verbo em forma flexionada, caso este último se revele uma construção aceitável: teríamos então um verbo, no particípio passado, e não um adjectivo. As outras propriedades descritas por PIMENTA-BUENO (1986) não apresentam resultados pertinentes às questões em análise neste estudo e serão, portanto, deixadas de lado.

Apresentamos, a seguir, uma outra razão para que as construções *ficar* + [V+do] não sejam consideradas como passivas, uma vez que, na voz passiva, ainda que de forma implícita e/ou indeterminada, há a presença de um elemento agente. Neste estudo, porém, mesmo em exemplos onde ocorram estruturas [V+do] derivadas de verbo transitivo, há um apagamento da função de sujeito da activa/agente da passiva. Isto é, essa função não se produz na frase. Vejamos os exemplos:

- (01) Assumo sempre o que digo (...) Mas eu não tenho que obedecer, por duas razões: 1º porque não têm que proibir o que eu já não proíbo; 2º porque ficarei enterrado na terra, sem mais nada a não ser a terra.
- (02) O prédio ficou abandonado durante anos depois de ter sido desocupado pelos antigos moradores.



Em (01) e (02) não se trata de considerar uma acção - *ser enterrado*, *ser abandonado* - sob o ponto de vista do elemento sobre o qual ela incide, como é o caso da construção passiva. Trata-se é da constatação de uma condição física do argumento com função semântica de objecto do estado-de-coisas expresso pelo enunciado. (01) e (02) não servem como resposta às seguintes perguntas: Por quem ele foi enterrado? ou, Por quem o prédio foi abandonado? Estas constatações levam-nos a afirmar que, no caso dos moldes de predicado F1, F2 e F4, a possibilidade de *ficar* ser considerado auxiliar da passiva deve ser afastada, dado que a partir da aplicação das propriedades estabelecidas por Pimenta-Bueno, as leituras possíveis dos enunciados do *corpus* excluem a possibilidade de se tratar de formas da voz passiva.

### **Sintagma preposicional (Sprep)**

Outro ponto a ser esclarecido quanto aos elementos que compõem os DS's é o que diz respeito às ocorrências de Sprep. Se considerarmos predicadores formados com DS's como um conjunto de moldes com características comuns teremos, dentro deste conjunto, um subconjunto formado pelos moldes onde o DS se constitui de Sprep ligado ao predicador, com ele formando um todo. Esse Sprep tem função adjectiva ou adverbial e, normalmente, pode ser substituído por Adjectivo ou por Advérbio, consoante a função respectiva exercida. Encontram-se neste subconjunto os moldes: F1, F2 e F4, do 1º critério semântico - e F8, F9, F10, F11 e F12, do 2º critério semântico, em que há pontos comuns a todos. Todos esses moldes representam predicadores de um só lugar com a ocorrência de elementos ligados ao verbo por preposição sem que esses elementos possam ser caracterizados como argumento ( $x_2$ ). A preposição usada, diferentemente do que acontece nos predicadores que apresentam argumento ( $x_2$ ), pode variar e não é condição obrigatória para a classificação do molde de predicado, uma vez que também ocorrem nesses moldes as formações de predicador + Adj e - apenas em F11 e F12 - de predicador + Adv, sem a participação de preposição. Essa variação da preposição pode conduzir à ambiguidade, por ser marcada com formas idênticas em moldes cujos significados são diferentes. Assim, as actualizações dos moldes podem coincidir nas categorias morfo-sintácticas, ainda que venham a diferir na carga semântica:

(03) Ela ficou com as pernas doendo de tanto dançar. (F11)

(04) O gato ficou com tanto medo que subiu literalmente as paredes. (F12)

(05) Depois do assalto só um ficou com o dinheiro, os outros correram. (F13)

Em (03), (04) e (05) temos o predicador *ficar*, conjugado no pretérito perfeito do indicativo, em moldes de predicado cujo argumento ( $x_1$ ) tem o traço [+animal]. O predicador verbal é seguido da preposição [com] que, por sua vez, precede um complemento formado por SN. Estas são as características que têm em comum os elementos que entram na construção dos exemplos citados e que são coincidentes para os três exemplos, ainda que em (03) o SN faça parte de uma oração reduzida de gerúndio. Tendo em vista o componente semântico, porém (03), (04) e (05) actualizam-se em três diferentes moldes de predicado, como segue:

- a) (03) F11  $\Rightarrow$  Molde de Predicado processual básico. Paráfrase: **resultar em**, onde ( $x_1$ ) será objecto de um estado-de-coisas que implica em experiência não-psíquica.
- b) (04) F12  $\Rightarrow$  Molde de Predicado processual experiencial. Paráfrase: **passar a sentir-se**, onde ( $x_1$ ) será objecto de um estado-de-coisas que implica em experiência psíquica.
- c) (05) F13  $\Rightarrow$  Molde de Predicado processual possessivo. Paráfrase: **reter**, onde ( $x_1$ ) recebe a posse de uma entidade ( $x_2$ ), definitivamente ou por algum tempo.

A partir das constatações acima, justifica-se a diferença de significados notada na simples leitura dos exemplos em questão. Em presença de um DS, o sentido do enunciado como um todo é definido por esse elemento. Quando da existência de dois argumentos no enunciado analisado, o sentido da mesma constrói-se no inter-relacionamento do predicador com os seus argumentos, como é o caso de F13, onde há uma transferência de posse.

Considerem-se os DS's formados por Sprep existentes nos seguintes exemplos:

(06) Se vierem todos os convidados vamos *ficar com* a casa cheia. (F11)

(07) Ela *ficou com* as pernas doendo de tanto dançar. (F11)

(08) *Ficamos com* a casa do vovô de herança. (F13)

(09) *Fiquei com* a perna do frango e você com a asa. (F13)

Se comparamos os DS's ocorrendo em (06) e (09) com os argumentos (x<sub>2</sub>) ocorrendo em (07) e em (08), veremos que naqueles o sentido do verbo não age sobre a Sprep, mas realiza-se com ou através dela. Já em (07) e (08), o verbo age sobre o complemento iniciado por preposição que não se trata de Sprep, mas sim de SN argumento de predicador regido pela preposição *com*. O nosso estudo parece apontar para o facto de que a homonímia só existe se considerarmos unicamente a forma lexical *ficar* isolada, pois ao enfocarmos o ambiente frásico em que ela se encontra temos um caminho bifurcado: ou essa forma lexical se apresenta ligada a um DS revelando-se um outro constructo lexical, semanticamente definido; ou *ficar* é regido por uma preposição constante e selecciona um argumento compatível com o significado do predicador. Assim, o conceito de carga valencial perde em importância, pois neste estudo fica exposta uma outra realidade: a de que a valência do verbo *ficar* não é suficiente para determinar o significado do verbo: este depende, em muitos casos, de algo mais do que dos seus argumentos para ser determinado. Um corolário da afirmação anterior é que *ficar* constitui-se como uma forma verbal mutacional que, mesmo sem ter aumentado o número dos seus argumentos, encontrou novos sentidos graças à presença dos definidores semânticos (DS) que a ele se ligam de forma estreita e com ele criam uma unidade geradora de sentido, sentido este que se renova a cada alteração nos traços que caracterizam o DS.

### **Advérbio (Adv)**

Nos moldes de predicado analisados, o Adv terá, ao constituir o DS, o mesmo valor semântico dos outros constituintes englobados no molde em questão e, nesse caso, a classe gramatical deixa de ser um traço distintivo, uma vez que classes gramaticais diferentes contribuem para a expressão de um mesmo significado. Conforme atesta Bomfim (1988, p.42-47), no seu estudo sobre os Advérbios, há muitos pontos de contacto entre advérbios e preposições. E, ainda que as duas classes só se confundam eventualmente, esse facto justifica uma certa variedade na classe gramatical dos

elementos que entram na composição dos DS's. Há, porém, uma relativa irrelevância na classe gramatical desses elementos para a determinação do sentido do molde de predicado de que fazem parte.

Uma constatação de cunho geral quanto à participação dos Advérbios nos moldes de predicado de *ficar* é que ela se faz pela presença de muito poucos representantes e, quando acontece, tende a confundir as suas funções com as do Adjectivo. Os exemplos limitam-se à ocorrência dos seguintes itens: *mal* e *bem*, como modificadores ou para indicar condição física, e *tarde* e *assim*, para exprimir condição física.

### **Oração (Or)**

A representação do DS por meio de uma oração é de uso restrito para o DS1 e acontece apenas num número reduzido de moldes de predicado e de uso mais amplo para o DS2. Nos DS1, são eles F11, F12 e F10, que só apresentam DS's nessa configuração ou como Sprep; quanto aos DS2, isso acontece em todos os moldes em que ocorrem esses constituintes, quais sejam, F1, F2, F11 e F12.

Nesses casos, a oração terá, em geral, (i) valor adverbial como acontece no DS1 de F10 e nos DS2 dos outros moldes; (ii) valor de qualificador nos DS1 em F11 e F12. Como qualificador, a forma oracional é apenas mais uma das várias maneiras de representação do DS1, pois nestes moldes esse constituinte pode fazer-se representar por todas as categorias gramaticais listadas neste item.

### **3 O verbo *ficar* nos manuais de Português Língua Estrangeira (PLE)**

Foram consultados dois manuais de PLE com ênfase na modalidade do Português do Brasil e duas gramáticas de PLE, sendo uma na modalidade do Português do Brasil e outra na modalidade do Português Europeu. Passamos a comentar o tratamento dado ao verbo *ficar* em cada uma dessas obras, em que verificamos alguns dos significados do verbo não são sequer mencionados nessas obras. Os itens que se seguem têm por título o nome da obra comentada.

### 3.1 *Português como Segunda Língua - Almeida & Guimarães (1990)*

Esta obra propõe-se apresentar a classificação gramatical do Português baseada nas categorias expressas pela gramática tradicional, sem apresentar um enfoque diferente do que é, geralmente, feito para falantes nativos da língua. O livro apresenta, na parte final, uma lista intitulada "Expressões idiomáticas", onde estão ordenadas expressões de diferentes estruturas, em ordem alfabética a partir da primeira palavra. Ao que parece, a ordem adoptada é resultado de uma selecção aleatória e as expressões podem ser iniciadas por preposição, verbo, advérbio, conjunção, substantivo, etc. Nas expressões consideradas, os verbos estão no infinitivo e, à guisa de explicação, é apresentada uma frase em que uma outra expressão em **negrito** tem sentido equivalente ao da expressão enfocada. Estes enunciados são exemplos que se encontram nesse item do livro em questão:

A FIO: Ele fica **muitas horas** brincando com o filho. (ALMEIDA & GUIMARÃES, 1990, p.180)

FICAR DE BEM COM ALGUÉM: As crianças **voltaram a ser amigas**. (ALMEIDA & GUIMARÃES, 1990, p.183)

O que se passa é que nada é explicado ao aprendente de PLE: nem a maneira como foi construída a listagem, de forma a que ele saiba o que apreender nesse 'glossário', nem a maneira como os exemplos ligados às expressões se relacionam com as mesmas em termos de significado. Neste item da obra são encontradas ocorrências de *ficar* sem que haja, porém, qualquer consideração explicativa. Há uma outra divisão do livro intitulada "Uso dos verbos" (ALMEIDA & GUIMARÃES, 1990, p.111) que selecciona mais algumas ocorrências de *ficar*. Nessa divisão cada verbo é seguido de uma série de exemplos, descontextualizados, com frases onde o verbo tem diferentes acepções. Não há, mais uma vez, nenhum tipo de orientação ao estudante de PLE. O verbo *ficar* é ainda citado, a título de comparação, em exemplos no item que expõe os empregos do verbo *estar* como auxiliar, numa unidade intitulada "Emprego dos tempos compostos" (ALMEIDA & GUIMARÃES, 1990, p.145).

### 3.2 *Le Portugais de A à Z - Carreira & Boudoy (1993)*

Esta obra apresenta-se como sendo, ao mesmo tempo, uma gramática e uma apresentação dos principais problemas lexicais que podem ser encontrados por estudantes francófonos. Há uma preocupação com a sistematização que, entretanto, mantém uma indefinição metodológica, pois oscila entre uma organização a partir de categorias gramaticais e uma outra direccionada por actos de fala. Essa abordagem leva à fragmentação do enfoque e o verbo *ficar* vai ser encontrado em diferentes itens sem que se produza no estudante a configuração de um quadro geral para a sua utilização. Nessa obra, *ficar* é descrito, primeiramente, como participante, juntamente com *ser* e *estar*, de uma estrutura iniciada pela fórmula: *être + complément de lieu* (CARREIRA & BOUDOY, 1993, p.122). Nesse item estabelece-se a diferença entre as construções, onde a categoria *sujeito* é preenchida por elementos apresentando menor mobilidade e as construções onde essa categoria é preenchida por elementos com mobilidade autónoma. Esses dois tipos de construções com o verbo *ficar* são classificados no presente estudo, respectivamente, como Moldes de Predicado Estativos Locativos e Moldes de Predicado Posicionais Locativos. Esses moldes situam-se dentro do carácter estativo da divisão semântica e são ilustrados por:

A estação *fica* no centro.

*Fiquei* dois anos na Suíça. (CARREIRA & BOUDOY, 1993, p.122)

A distinção acima merece atenção uma vez que as gramáticas tradicionais dificilmente levam em consideração implicações semânticas por essas distinções não fazerem parte das suas atribuições. A outra estrutura de que participa o verbo *ficar* considerada na obra de Carreira e Boudoy é a sua actuação em construções predicativas. No item em questão são consideradas estruturas tanto de valor estativo como de valor resultativo, formalizadas pelo conjunto *ficar* + adjectivo. No presente trabalho, essas ocorrências são distribuídas em diferentes paráfrases que correspondem, igualmente, a moldes de predicado diferentes, como pode ser verificado pelas paráfrases que se seguem nos exemplos:

Às quintas-feiras tenho um dia muito cheio e depois *fico* cansada. (**resultar em**)

Acabou o curso e *ficou* engenheiro. (*manter-se* - estado físico) (CARREIRA & BOUDOY, 1993, p.121)

Em *Acabou o curso e ficou engenheiro* encontramos um uso pouco comum na modalidade Brasileira do Português, mas que tem emprego bem aceito na modalidade europeia do Português. Nesses exemplos, os complementos do verbo *ficar* podem ser preenchidos por adjetivo e constroem significados que correspondem ora a moldes de carácter estativo, ora a moldes de carácter resultativo.

A oposição estativo/resultativo constitui um dos critérios de classificação da nossa análise e distribui as ocorrências em campos semânticos distintos. Essa distinção não é feita na obra *Le Portugais de A à Z*.

### 3.3 *Fala Brasil - Patrocínio & Coudry (1996)*

Manual de Português para estrangeiros, onde a primeira menção ao verbo *ficar* aparece na Unidade VII, sob o título "Sistematização - Uso do verbo *ficar*", apresenta uma lista de ocorrências com uma nota explicativa com traduções para o Inglês e para o Francês. Uma vez mais, há exemplos apresentados de forma aleatória sem qualquer preocupação com a sistematização. Alguns dos exemplos encontrados nessa obra são expostos abaixo e, a eles, acrescentamos a categorização que compõe a formalização proposta no presente artigo para as diferentes paráfrases:

A loja *fica* aberta à noite. (*manter-se* - estado físico - estativo)

Entre e *fique* à vontade. A casa é sua. (*manter-se* - estado psíquico - estativo)

O Brasil *fica* na América do Sul. (*localizar-se* - estativo)

Vou *ficar* em casa hoje. (*manter condição anterior* - estativo)

Ela casou-se e *ficou* muito gorda. (*resultar em* - resultativo)

(10) Ele *ficou* furioso com a notícia. (*passar a sentir-se* - resultativo)

(11) Este assunto *fica* para amanhã. (*restar* - resultativo)

Na unidade XI, direccionada para o uso das preposições, há um item intitulado "Localizar", com exemplos em que *ficar* precede expressões que indicam distância como: 'a três quarteirões' e 'a 5 quilômetros'. Entretanto, a maneira como são

apresentados os exemplos, nessa obra, leva a uma nítida confusão no uso da preposição 'a' pois, nestes casos, ela faz parte da estrutura das expressões que marcam distância e não do sintagma verbal que estabelece a noção de localização. Para eliminar essa confusão deveriam ser apresentados exemplos com outros tipos de complementação significando localização, de forma a não vincular essa complementação nem à preposição "a", nem à noção de distância:

Onde *fica* a Embaixada da Inglaterra?

*Fica* a três quarteirões da Praça da República (PATROCÍNIO & COUDRY, 1996, p.163).

A expressão 'a três quarteirões' encobre a noção de localização que pode ser expressa de forma genérica por 'em determinado local'. Mais uma vez, nesse compêndio, não há uma distribuição norteada pela oposição estativo/resultativo, oposição esta que seria útil para orientar o aluno, independentemente do recurso a explicações mais complexas.

### 3.4 *Avenida Brasil 1 - Lima et alii (1992)*

Este material didático fixa-se, nitidamente, no eixo estativo do verbo *ficar* com a preferência pelos moldes que seleccionam elementos com significado de localização. A apresentação do verbo *ficar* acontece na Lição 4, sob o título: "Onde fica?". Note-se o exemplo:

Quantos dias o senhor vai *ficar*? (LIMA *et alii*, 1992, p.30)

A noção de localização preenche, neste exemplo, o que chamamos de argumento nuclear, ou seja, constitui um elemento indispensável para a realização do significado do verbo em questão, porém, devido à ordem dos elementos na frase e à omissão do dado de localização (aqui, em São Paulo, nesta cidade, neste hotel), o significado de *ficar* parece ligar-se à noção de tempo e não de localização.



## Considerações Finais

À análise qualitativa seguiu-se uma análise quantitativa. Foi feita uma contagem de frequências das ocorrências no *corpus* para cada um dos 15 significados estabelecidos. O cruzamento entre os resultados da contagem de frequência de uso com os exemplos apresentados nos manuais trouxe resultados que consideramos relevantes para o ensino de PL2/E. Esses resultados encontram-se esquematizados e sintetizados no quadro abaixo:

Moldes de Significado	Português como segunda língua	Le português de A à Z	Fala Brasil	Avenida Brasil
F1 - manter-se (cond. física)	✓	✓	✓	✓
F2 - manter-se (sentimento)	✓		✓	
F3 - localizar-se	✓	✓	✓	✓
F4 - manter-se relativamente a				
F5 - ação repetitiva				
F6 - manter condição anterior			✓	
F7 - ganhar aparência de	✓			
F8 - alcançar valor				
F9 - classificar-se				
F10 - restar			✓	
F11 - resultar em	✓	✓	✓	✓
F12 - passar a sentir-se	✓		✓	
F13 - reter				
F14 - responsabilizar-se				
F15 - comprometer-se				

Pela observação do quadro acima, detectamos que apenas 5 dos significados em uso são mencionados por pelo menos 2 manuais. O significado mais frequentemente apresentado nos manuais não é o de uso mais frequente, revelado pelo exame do *corpus* analisado. A conclusão mais imediata que se pode estabelecer a partir dessa análise é que, por falta de sistematização das condições, frasais e discursivas, o estudante de PL2/E acaba tomando como geral o significado mais frequente nos manuais. Esse facto

leva a repetidas inadequações na selecção lexical dos componentes das predicções com o verbo *ficar* construídas pelos estudantes de PL2/E.

Domínios de Lingu@gem

## Bibliografia

- ALMEIDA, M.M.M. e GUIMARÃES, L.A.C.L. *Português como segunda língua*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1990.
- AUSTIN, J.L. *Quand dire, c'est faire*. Paris: Seuil, 1970 (1962).
- BOMFIM, E. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.
- CAMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1972
- CARREIRA, M.H.A. e BOUDOY, M. *Le portugais de A à Z*. Paris: Hatier, 1993.
- CUNHA, C e CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2ª edição.
- DIK, S. C. *Gramática funcional*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1981
- DUBOIS, J. *et alii. Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HALLIDAY, M.A.K. *The place of "functional sentence perspective" in the system of linguistic description*. In: Papers on functional sentence perspective. Ed.: DANES, F. Praga: Academia, 1974, p. 43-53
- HARDER, Peter. *Functional semantics: a theory of meaning, structure and tense in English*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- LAROCA, M.N.C. *et alii. Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros*. Campinas: Pontes, 1992.
- LIMA, E.E.O.F. *et alii. Avenida Brasil: curso básico de português para estrangeiros*. São Paulo: E.P.U., 1992.
- LOCK, Graham. *Functional english grammar: an introduction for second language teachers*. Cambridge: C.U.P., 1996.
- LOPES, O. *Gramática simbólica do português*. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1972.
- MARTINET, A. *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris : Didier, 1970
- MESQUITA, R. M. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1995.

- MEYER, R.M. de B. *A complementação da forma nominalizada de verbal sufixal e a conceituação do complemento nominal*. Tese de doutoramento. PUC/Rio. 1991.
- NATTINGER, J. R. e DeCARRICO, J.S. *Lexical phrases and language teaching*. Oxford: O. U. P., 1992.
- NEVES, M.H.M. *A gramática de usos é uma gramática funcional*. In: *Estudos em gramática funcional*. ALFA-Revista de lingüística. Org: NEVES, M.H.M., BRAGA, M.L. e PAIVA, M.C. V.41 (n.esp.). UNESP. São Paulo, 1997a, p.15-24.
- NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.
- PERES, J. A. *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra: Almedina, 1984
- PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1996.
- PIMENTA-BUENO, M. do N.S. *As formas [V+do] em português: um estudo de classes de palavras*. In: D.E.L.T.A., Vol. 2, Nr. 2, 1986, p. 207-229.
- PINTO, M. J. *As marcas lingüísticas da enunciação: esboço de uma gramática enunciativa do português*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.
- REBELO, I. M. *Os sentidos de ficar: uma formalização semântico-funcional voltada para o português como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. PUC/Rio. 1999.
- SANTOS, D. M. de S. M. P. dos. *Tense and aspect in english and portuguese: a contrastive semantical study*. Tese de doutoramento. Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa. 1996.
- SCHMITT, C. *When stay and become are the same verb: the case of ficar*. In: *ZAS Papers in Linguistics*. Org.: LANG, E., FUHRHOP, N. e KLEINHENZ, U. Berlin: ZAS. Vol. 14, April 1999, p. 227-255.
- SEARLE, J.R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981.
- TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1995.